

Entrevista: Wander Melo Miranda

**“Devemos ter a literatura, a arte e a cultura em geral
como formas de resistência.”**

Fernanda de Oliveira Valle Reis¹

Anna Paula Fernandes Bernardes de Almeida²

Nathalia Kimberly Silva de Paula³

Regina Araújo de Paula Santos⁴

Lúcia Helena da Silva⁵

O professor Wander Melo Miranda é crítico literário, especialista em literatura italiana e professor titular aposentado de Teoria da Literatura, na Faculdade de Letras da UFMG, tendo recebido desta Universidade o título de “Professor Emérito”. Lecionou por 40 anos, sendo 15 deles na Itália: “Adoro estar em sala de aula”, diz. É autor de quase duas dezenas de livros e tem inúmeros artigos e ensaios publicados em jornais diários e *blogs* literários. Ele acaba de publicar sua mais recente obra – **Os Olhos de Diadorim e outros ensaios** – e, como reconhecimento da importância do seu trabalho como autor e crítico literário, foi eleito membro da Academia Mineira de Letras.

Gentil e apreciador de uma boa conversa, o professor conversou com as estudantes de Letras, quando esteve na PUC Minas para ministrar a palestra “Os Olhos de Diadorim”, durante o XVII Simpósio do ICH: Corpo – Leituras Humanas. Falou-nos sobre a ambiguidade em **Grande Sertão: Veredas** – para ele, “o maior romance da literatura brasileira” –, relacionou a obra rosiana com a literatura italiana, analisou a crítica literária atual e o papel da internet na produção e recepção de textos ficcionais e ressaltou a importância da literatura como forma de resistência. Confira o conteúdo desta rica interlocução:

¹ Graduanda do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica. Atividade realizada no bojo da disciplina Estudos Literários II: a questão do gênero, ministrada pela professora Márcia Marques de Moraes. E-mail: fernandavalle0908@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Letras da PUC Minas. E-mail: annapaulacontatos@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Letras da PUC Minas. E-mail: nataliakdepaula@gmail.com.

⁴ Graduanda do Curso de Letras da PUC Minas. E-mail: reginaraujo.17@gmail.com.

⁵ Graduanda do Curso de Letras da PUC Minas. E-mail: lucia.silva@sga.pucminas.br.

Entrevistadoras – O que é a literatura para o senhor?

Wander Melo – Vou usar a frase do escritor argentino Ricardo Piglia que, para mim, é a melhor definição: “Literatura é um manual de sobrevivência em tempos difíceis”. Eu, por exemplo, adoro reler **Grande Sertão: Veredas**, quando estou triste ou preocupado. Repare que, ultimamente, eu tenho relido várias vezes (risos).

Entrevistadoras – É fato que a crítica literária é mais restrita ao meio acadêmico e a outros grupos específicos e em tempos de *internet* e redes sociais, a opinião virou artigo fácil e a autoria se democratizou. Em vista disso, em que medida o julgamento e a própria produção do público afeta a visão da crítica sobre o objeto literário?

Wander Melo – A crítica literária vive seu mais alto momento teórico e seu mais baixo momento mercadológico. A difusão dos cursos de pós-graduação criou uma massa crítica atualizada e que está em dia com o que ocorre no país e fora dele. A crítica literária universitária é muito forte teórica e conceitualmente falando, mas não vende muito. Ao mesmo tempo, a *internet* democratizou o direito à literatura no sentido da produção. Muitas vezes, o que um jovem está criando é, para mim, uma mera catarse, mas isso não o desmerece. Isso mostra que a literatura tem várias possibilidades. Uma ideia de literatura não impede que você aceite como gosto estético esse tipo de literatura, feita principalmente por jovens. Há espaço para todos.

Entrevistadoras – Os brasileiros sempre se ressentiram de ser um povo que lê pouco. A *internet* nos tornou uma comunidade “letrada” à revelia da academia?

Wander Melo – Letrada, entre aspas, sim. Acho que a linguagem dessas mídias tem uma carga de oralidade muito grande e a oralidade que predomina nesses meios tem uma velocidade que romances escritos por Machado de Assis, Guimarães Rosa ou Graciliano Ramos não têm. É outra dinâmica, uma geração que já nasce ligada à máquina. Acho que o Brasil deveria fazer o possível para ser mais letrado, no sentido mais tradicional da palavra. Nada substitui a leitura silenciosa de um livro, o conhecimento que ele passa. Mas eu, por exemplo, adoro os cânones da literatura e novela de televisão.

Entrevistadoras – Como foi ensinar literatura no passado e como é atualmente?

Wander Melo – Ensinei literatura durante 40 anos. Para mim, é um prazer estar numa sala de aula. A diferença é que hoje os alunos têm mais acesso à informação e isso facilitou o ensino, mas não vejo muitas diferenças. Tínhamos dicionário de tudo, hoje é só olhar na internet. Mas o interesse deles é o mesmo. Há certas profissões que, se você não gosta, não tem como fazer bem. Numa época de boçalidade como a que estamos vivendo no país, estudar Letras é fundamental.

Entrevistadoras – Para o senhor, a falta de leitura contribui para o momento político brasileiro?

Wander Melo – Acho. Como o brasileiro lê pouco, ele é mais facilmente manipulado. Quem está acostumado a ler literatura e outros gêneros analisa as situações de vários lados. Ao lermos um livro como os de Guimarães Rosa, por exemplo, ficamos na corda bamba, a gente tem que ficar esperto para não cair nas armadilhas dele. Tenho 68 anos e nunca vi o país descer tão baixo, com a desvalorização da cultura, do teatro, da música, das artes plásticas e da literatura. É por isso que devemos cada vez mais ter a literatura, a arte e a cultura como formas de resistência.

Entrevistadoras – São perceptíveis diversas ambiguidades em **Grande Sertão: Veredas**. Em “Era uma mão branca, com os dedos dela delicados”, por exemplo, o pronome *dela* pode se referir tanto à mão quanto a Diadorim. Na sua opinião, que outra ambiguidade é tão reveladora para a leitura de **Grande Sertão: Veredas**?

Wander Melo – Nas minhas várias leituras de **Grande Sertão: Veredas**, eu percebi algo que a crítica não abordou e que eu chamo de “a transexualidade de Diadorim”. Afinal, ele é amado como homem, mas é, na verdade, mulher, então ele é um transexual. A maestria de Guimarães Rosa é tão grande e ele dá dicas tão sutis que precisamos ler várias vezes para perceber, pois ficamos envolvidos na leitura e não percebemos muitas coisas. A ambiguidade é própria da concepção de mundo do Riobaldo, e há muitas além dessa que vocês citaram muito bem. Afirmativas como “tudo é e não é” atravessam todo o livro. A relação dentro e fora, por exemplo, eu leio como a fita de moebius, que você vira e ela não tem lado, nem dentro nem fora, um

ligado ao outro, assim como o símbolo do infinito no final do livro, que remete ao início, à dedicatória a sua mulher Aracy Moebius de Carvalho: “A Aracy, minha mulher, Ara, pertence este livro”. Até o amor por Diadorim é, ao mesmo tempo, a luta contra o Hermógenes, a luta entre o bem e o mal, uma luta carregada de ambiguidade. O próprio Diadorim tem nele essa luta, pois é ao mesmo tempo anjo e demônio: seu nome traz referência ao diabo e à Nossa Senhora de Abadia, diabo e Abadia em Diadorim. A dinâmica do livro está nesses jogos, nessas ambiguidades, no “é e não é”. Ele tira a gente do chão para trazer de novo para a realidade. Parece um livro regional, mas não é. Nisso eu vejo a riqueza do livro.

Entrevistadoras – Antonio Candido disse que a obra não é regional, porque o sertão e as historietas falam dos problemas do homem, do universal.

Wander Melo – Sim, “o sertão é o mundo”, diz Riobaldo. Uma amiga, professora da UERJ, especialista em **Grande Sertão**, recebeu como dedicatória de Guimarães Rosa: “Para Dirce, que todo esse sertão abarca”. Comungar com o sertão é viver os mesmos problemas. Todos que estamos na dinâmica de leitura do livro nos tornamos sertanejos, pois comungamos com todos os problemas deles. Aqueles personagens existem no interior de Minas e Guimarães Rosa dá a uma dimensão universal a eles.

O problema de Deus e o diabo, por exemplo, é fáustico, vem de **O Fausto**, de Goethe. Guimarães Rosa faz uma releitura da tradição ocidental de maneira extraordinária. Eu dei aula de literatura italiana por 15 anos em Penne, na Itália, e uma vez participei de um congresso de escritores sobre Claudio Magris. Para vocês terem uma ideia da importância do congresso, o primeiro foi sobre Umberto Eco. Claudio Magris era professor de literatura alemã, autor do belíssimo livro **Danúbio**, com que tem como cenário o rio Danúbio, desde a nascente até a foz. Quando fui preparar a apresentação, dei o nome da minha palestra de “*La terza sponda del Danubio*” (A terceira margem do Danúbio), unindo as histórias de Magris ao conto “A Terceira Margem do Rio”, de Guimarães Rosa. Antes que eu entrasse para me apresentar, Claudio Magris me chamou e disse que sabia o porquê do título da minha palestra: “Vocês têm um dos maiores romances do século XX: **Grande Sertão: Veredas**”, que ele leu em italiano e em alemão. Um reconhecimento desse demonstra o tamanho dessa obra. E ainda falando sobre a Itália, para mim, o Hermógenes foi inspirado no “Iluminado”, personagem de **Os Noivos**, de Alessandro Manzoni.

Entrevistadoras – O ouvinte que acompanha as histórias do narrador Riobaldo é um sujeito muito misterioso e não ouvimos sua voz. Em nossas discussões em sala de aula, pensamos que ele pode ser um acadêmico, um pesquisador. O que o senhor tem a falar sobre ele?

Wander Melo – O ouvinte cai nessa mesma situação de ambiguidade. Ele é um visitante e como ele transcreve o que ouve, porque alguém transcreveu, pode-se pensar que ele seja um pesquisador ou um simples viajante. Quem faz uma análise muito boa disso é o Silvano Santiago, no livro **Genealogia da Ferocidade**, em que ele analisa a recepção do GSV e esse ouvinte mudo. Uma das marcas do livro é que percebemos as intervenções dele por meio da fala de Riobaldo. Antigamente, era muito comum as fazendas receberem viajantes desconhecidos porque não tinha hotel na roça. Na fazenda da minha avó, por exemplo, que era de 1748, havia dois quartos com portas para a varanda, justamente para receber esses viajantes. Meu pai, que era fazendeiro e só tinha o 4º ano primário, leu **Grande Sertão: Veredas** e entendeu tudo. É interessante notar como Guimarães Rosa fez uma radiografia de Minas Gerais e seus costumes, mas com uma envergadura muito mais ampla...